



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-377-4 DOI 10.22533/at.ed.774190506  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Pensar nas discussões referentes ao ensino linguagem na escola significa criar as possibilidades de reflexão aos sujeitos em uma proposta interacional com as mudanças que ocorrem constantemente na sociedade.

A identidade deste livro caracteriza os trabalhos organizados como necessários ao processo de formação dos indivíduos. Sendo assim, nesta coletânea são apresentados quarenta estudos aos interlocutores atentos com as mudanças literárias, artísticas e sociais.

No primeiro capítulo, os autores compreendem as estratégias de incentivo à leitura de professores de Língua Portuguesa, de vários níveis da educação básica e com diferentes períodos de atuação. O segundo capítulo, por sua vez, discute e analisa o poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significação simbólica no poeta. No terceiro capítulo, os autores identificam e estudam as danças e folguedos tradicionais brasileiros a partir da temática gênero.

A autora do quarto capítulo analisa a aprendizagem da escrita em português do sujeito surdo e as implicações na trajetória social. No quinto capítulo, o gênero textual Capa de CD é analisado pelos autores e no sexto capítulo o autor define discursivamente o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho com as abordagens de outros linguistas.

No sétimo trabalho, os autores discutem e refletem sobre as questões ortográficas no ensino do texto, perpassando por todas as etapas da feitura textual, além disso, analisam algumas produções. No oitavo capítulo, as autoras abordam a importância do professor na alfabetização das crianças de três a nove anos, sendo observada a necessidade do uso da fonética e fonologia no aprendizado do aprendiz. O autor do nono capítulo analisa a interação multilateral no ensino presencial mediado pela tecnologia do gênero discursivo digital videoconferência em aulas de linguagens para o ensino médio.

No décimo capítulo, os autores analisam a linguagem dos alunos em atividades de escrita colaborativa em um blog educacional para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. No décimo primeiro capítulo, as autoras intencionam trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como pretendem lançar alguns olhares sobre a adolescência, etapa delicada na formação do sujeito. No décimo segundo capítulo, as autoras apresentam resultados parciais de uma pesquisa cuja finalidade parte da avaliação de uma unidade didática à luz dos gêneros textuais.

No décimo terceiro capítulo, a autora estabelece um diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de leitura de textos em língua materna. As autoras do décimo quarto capítulo analisam o vínculo intersemiótico de texto multimodal, em uma seção de leitura de um livro didático de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental. No décimo quinto capítulo, as autoras analisam as repercussões

que as avaliações externas apresentam na rotina da equipe pedagógica.

As autoras do décimo sexto capítulo compreendem o estabelecimento de um diálogo entre as mídias digitais e a formação do leitor. No décimo sétimo capítulo as autoras descrevem e analisam uma unidade didática do livro didático de Língua Estrangeira do Estado do Paraná para o ensino médio. No décimo oitavo capítulo o autor analisa as interações culturais entre cristãos e pagãos a partir do romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell.

No décimo nono capítulo as autoras abordam o significado de nudez a partir de uma visualidade literária. No vigésimo capítulo, os dicionários monolíngues de aprendizes são o foco de análise e investigação. No vigésimo primeiro capítulo, os autores investigam a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

No vigésimo segundo capítulo, os autores transitam entre definir e indefinir o conceito de espaço, ao mesmo tempo, que diferenciam de ambiente. No vigésimo terceiro capítulo são identificadas e analisadas algumas semelhanças e diferenças entre a obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. No vigésimo quarto capítulo a autora problematiza as danças de fanfarras, a partir de uma leitura crítico-reflexiva.

No vigésimo quinto capítulo é feita uma breve leitura analítica e interpretativa da narrativa do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. No vigésimo sexto capítulo uma análise de representações visuais é apresentada ao leitor. No vigésimo sétimo capítulo, os autores analisam, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante.

No vigésimo oitavo capítulo é apresentado um estudo sobre as estratégias de polidez linguística no discurso político de candidatos a prefeitos do município de Mocajuba. No vigésimo nono capítulo as autoras comungam de concepções discursivas advindas da Análise do Discurso e dos estudos culturalistas. No trigésimo capítulo, os autores problematizam o uso da internet a partir das habilidades de leitura e escrita.

No trigésimo primeiro capítulo, os autores relatam um projeto de extensão, com a função valorizar a cultura gaúcha, disseminado e promovendo-a entre a comunidade acadêmica. No trigésimo segundo capítulo, as autoras refletem sobre uma proposta de material didático pautada na observação dos usos da língua. No trigésimo terceiro capítulo, as autoras verificam a força das questões culturais, dos mitos, dos coloridos da mata em uma proposta interdisciplinar a partir de uma letra de canção.

No trigésimo quarto capítulo, a autora discute a temática letramento na concepção da aprendizagem semiótica. No trigésimo quinto capítulo a autora apresenta uma estratégia de aprendizagem de comprovado êxito em uma instituição escolar, localizada no município de Três Lagos – MS. No trigésimo sexto capítulo investigam-se as relações existentes entre a psicanálise e literatura, como o inconsciente desvela-se no discurso literário, tendo como *corpus* algumas obras literárias de Clarice Lispector.

No trigésimo sétimo capítulo, os autores discutem a formação da identidade

literária juvenil a partir de uma constituição poética. No trigésimo oitavo capítulo, a autora investiga através de trabalhos publicados como a ANPOLL promove um diálogo multicultural entre Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. No trigésimo nono capítulo averigua-se o percurso da figuração do estrangeiro em dois romances e, por fim, no quadragésimo capítulo, os autores contribuem reflexivamente com o ensino de gêneros textuais na modalidade escrita nas aulas de língua estrangeira e, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo os autores associam o uso da plataforma Facebook em um processo dialógico destino aos alunos no contexto contemporâneo escolar.

Todos os autores ampliam as reflexões presentes nesta obra e revelam as razões de demonstrarem os conhecimentos aos interlocutores desta coletânea. Assim, esperamos que os leitores encontrem nos variados trabalhos os questionamentos capazes de problematizar outros e novos conhecimentos.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“ELES NÃO GOSTAM DE LER”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Isabela Giacomini	
Laila Wilk Santos	
Lucas Arruda Tacla	
Theodora Rosskamp Kalbusch	
Rosana Mara Koerner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO	
Vitor Hugo da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS	
José Roberto do Nascimento Junior	
Ana Cecília Vieira Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO SUJEITO SURDO	
Miriam Maia de Araújo Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
A FOTOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E ARTE: UMA ANÁLISE DA CAPA DO CD CORAÇÃO DE JOHNNY HOOKER	
Renan da Silva Dalago	
Altamir Botoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Adílio Junior de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
ORTOGRAFIA NO ENSINO DO TEXTO	
Ivan Vale de Sousa	
Maria Elizete Melo de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 3 A 9 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Letícia Saminez da Silva Jaina Milhomem Rezende Michelle Fonseca Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>93</b>
A INTERAÇÃO MULTILATERAL NO ENSINO DE LINGUAGENS MEDIADO PELA TECNOLOGIA DO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL VIDEOCONFERÊNCIA	
Naziozênio Antonio Lacerda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7741905069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
A LINGUAGEM DOS ALUNOS NA ESCRITA COLABORATIVA EM <i>BLOG</i> EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Jaqueline Silva Santos Naziozênio Antonio Lacerda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>124</b>
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES	
Maria Rute Depoi da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ABORDAGEM PELOS GÊNEROS TEXTUAIS	
Luci Piletti Niedermayer Carmen Teresinha Baumgartner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
ANÁLISE DO DISCURSO E FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliana Alves Greco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>151</b>
APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NA ANÁLISE DE UM TEXTO MULTIMODAL	
Jeniffer Streb da Silva Noara Bolzan Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E SUAS REPERCUSSÕES NA ROTINA DA EQUIPE PEDAGÓGICA	
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro Priscila Adriana Silva Sacramento Janaína Arostilde Belmiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050615</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>172</b>
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes	
Elizangela Silva de Sousa Moura	
Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>182</b>
AS FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Eliana Santiago Gonçalves Edmundo	
Ana Paula de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE VIKINGS E SAXÕES DO OESTE NA OBRA O ÚLTIMO REINO DE BERNARD CORNWELL	
Lucas Luiz Oliveira Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>208</b>
ATRAVÉS DE LINHAS E MANCHAS PULSAM AS SENSações: A PINTURA DE LUCIAN FREUD E O DESNUDAMENTO DO SER	
Rochele Maria Borelli	
Bernadette Maria Panek	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>220</b>
CAPACIDADES E LIMITAÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE APRENDIZES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Laura Campos de Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>236</b>
“CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ : A TEORIA DAS PERSONAGENS	
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo	
Milena Menezes Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>245</b>
DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM <i>CABIDELIM</i> , <i>O DOCE MONSTRINHO</i> , DE SYLVIA ORTHOF	
Luciana Petroni Antikeira Chirzóstomo	
Wagner Corsino Enedino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050622</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>255</b>
DA LITERATURA PARA O CINEMA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA A HORA DA ESTRELA	
Ray da Silva Santos	
Débora Wagner Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050623</b>	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>270</b>
DANÇAS DE FANFARRAS: UMA LEITURA CRÍTICA	
Erika Kraychete Alves	
DOI 10.22533/at.ed.77419050624	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>274</b>
DECADÊNCIA E MEMÓRIA EM LEITE DERRAMADO, CHICO BUARQUE	
Dulce Maurilia Ribeiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.77419050625	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>287</b>
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Eni Abadia Batista	
DOI 10.22533/at.ed.77419050626	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>304</b>
ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO	
Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira	
Paloma Veras Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050627	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>317</b>
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NO DISCURSO POLÍTICO DE CANDIDATOS A PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA-PA	
Elber José Alves Corrêa	
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.77419050628	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>328</b>
ÍNDIO SURDO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SUAS (DES)IDENTIFICAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO	
Michelle Sousa Mussato	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050629	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>343</b>
INTERNET, LEITURA E ESCRITA:UM DESAFIO MEDIADO PELO PROFESSOR DE LÍNGUA ADICIONAL	
Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti	
Virginia Ponche Barbosa	
Alessandro Carvalho Bica	
DOI 10.22533/at.ed.77419050630	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>352</b>
INVERNADA ARTÍSTICA CHÃO BATIDO – CULTIVANDO A TRADIÇÃO GAÚCHA: UM PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO EM 2016	
Ana Paula Palharini	
Daniel Verbes Padilha	
Deise Pieniz Casagrande	
Maico Mantovani Tolfo	
Mylla Keenan Acosta	
Maiara Bertl	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050631</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>356</b>
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERFACE DOS GÊNEROS DIGITAIS E DA MULTIMODALIDADE	
Nágida Maria da Silva Paiva	
Iara Ferreira de Melo Martins	
Ana Cláudia Soares Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050632</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>369</b>
LETRA DA CANÇÃO: “SAGA DA AMAZÔNIA”: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR	
Márcia Antonia Guedes Molina	
Valéria Angélica Ribeiro Arauz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050633</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>382</b>
LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA	
Áurea Maria Brandão Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050634</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>392</b>
LITERATURA E OUTRAS ARTES: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	
Vitória Regina Xavier da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050635</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>406</b>
LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR	
Ray da Silva Santos	
Sara Goretti Ferreira	
Daiane Menezes Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050636</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>419</b>
LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE EM “CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO”: CONHECENDO A SI ATRAVÉS DO OUTRO	
Eliene da Silva Dias	
Diógenes Buenos Aires	
Sandra Helena Andrade de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050637</b>	

<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>431</b>
MAPA DE INSTITUIÇÕES LINGUÍSTICO-LITERÁRIAS NA REVISTA DA ANPOLL	
<a href="#">Mariana Argolo Barreto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050638</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>443</b>
MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA	
<a href="#">Aina de Oliveira Rocha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050639</b>	
<b>CAPÍTULO 40</b> .....	<b>456</b>
MATERIAIS DE PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA – ELE A ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
<a href="#">Carlos Eduardo da Silva</a>	
<a href="#">Cristina Corral Esteve</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050640</b>	
<b>CAPÍTULO 41</b> .....	<b>468</b>
AS FACETAS DA CONTEMPORANEIDADE. O DIALOGISMO DIGITAL PARA OS ALUNOS: O FACEBOOK E A POESIA VIRAL	
<a href="#">Regimário Costa Moura</a>	
<a href="#">Ana Cristina dos Santos</a>	
<a href="#">Raquel Araújo Luna</a>	
<a href="#">Rideusa Caroline Correia do Nascimento</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77419050641</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>476</b>

## LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

**Ray da Silva Santos**

Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão – Sergipe

Bolsista CAPES

**Sara Goretti Ferreira**

Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz

Wenceslau Braz - Paraná

**Daiane Menezes Santos**

UniAGES

Paripiranga - Bahia

**RESUMO:** O presente artigo busca investigar as relações existentes entre psicanálise e literatura e como o inconsciente se desvela no discurso literário, tendo como corpus algumas obras literárias de Clarice Lispector. Compreendemos que a psicanálise inovou o campo científico, ao trazer um sujeito dividido, pois é formado por inconsciente e consciente; guiado por pulsões, desejos, e que inscreve no campo da linguagem; tais descobertas influenciaram de forma direta na literatura, porque agora sabemos que nas narrativas, por serem linguagem e produção humana, falam, em suas entrelinhas, algo a mais sobre o sujeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Psicanálise; Clarice Lispector; Escrita.

**ABSTRACT:** The present article seeks to

investigate the existing relations between psychoanalysis and literature and how the unconscious is revealed in literary discourse, having as corpus some Clarice Lispector's literary works. We know that psychoanalysis has innovated the scientific field by bringing a divided subject, since it is formed by the unconscious and conscious; guided by drives, desires, and that inscribes in the field of language; such discoveries directly influenced the literature, because now we know that in the narratives, because they are language and human production, they speak, in their lines, something more about the subject.

**KEYWORDS:** Literature; Psychoanalysis; Clarice Lispector; Writing.

### 1 | ARTE E PSICANÁLISE

Por meio da arte, o sujeito entra em contato com uma nova realidade que lhe é apresentada e composta pelo mundo simbólico da cultura, dessa maneira, pode ter novas experiências que dificilmente teria no seu cotidiano muitas vezes monótono, cercado e limitado pelas regras que compõem a sociedade. Ao ler um livro ou assistir a um filme, o leitor-espectador pode, instantaneamente, viajar para outras cidades e estados, países e continentes, além de conhecer detalhes de outras culturas e

também, mediante os personagens, entrar em contato com sentimentos e emoções; assim, passa a (re)construir seus conhecimentos e ter novas e fundamentadas opiniões acerca dos fatos que surgem no dia a dia. Dessa maneira, “a arte tem como função primordial introduzir e até mergulhar o homem na cultura, oferecendo outra visão de mundo ou outro sentido para certos acontecimentos” (WILLEMART, 2009, p. 154).

Ao propor um novo olhar para os significantes, até então desconhecidos em um mundo todo organizado esteticamente, o sujeito reavalia o seu presente e passado, fazendo conexões com a realidade que agora está lhe sendo apresentada, também se deixa embalar pelas ações do livro e/ou do filme e, assim, imita os personagens ao se deparar, por exemplo, com situações reais, no mundo sensível, que foram vivenciadas dialogicamente. Logo, “segundo Platão: só a imitação pode penetrar na fortaleza de um caráter; é com nossa alma, do mais fundo de nós, que imitamos continuamente o que vemos e ouvimos, as formas, os sons que habitam nossa memória e nossa imaginação” (W. PATER apud WILLEMART, 2009, p. 155).

A arte problematiza a vida do sujeito, com isso, retira-os da monotonia do seu cotidiano regido por regras sociais e lhe proporciona viver em dimensões maiores, a psicanálise, por sua vez, ao não se deter mais em confirmar suas pesquisas na literatura,

[...] colabora com este movimento, desfazendo o estabelecido e os preconceitos, demolindo as barreiras entre os seres, exigindo uma narrativa do analisando que permite reconstruir uma história singular que o distingue dos demais (WILLEMART, 2009, p. 157).

Vale ressaltar que, a psicanálise, ao comprovar a existência do inconsciente, busca compreender o que está por trás das ações humanas, por meio da análise dos atos falhos, sonhos, por exemplo, que se revelam por meio dos enunciados. Isto posto, é nítido que a literatura e a psicanálise têm a linguagem como ponto de fusão, esta que, ao nomear, simboliza algo que, até então, estava ausente.

## 1.1 Literatura e psicanálise

É na palavra literária que reinventamos o mundo, flutuamos na gravidade zero, quebramos as regras que nos prende em um determinado tempo e espaço; voltamos para o passado, inventamos e prevemos o futuro. Nas narrativas literárias, o presente se torna uma dádiva e ajuda-nos a libertar os pensamentos, assim, o homem consegue encontrar sua destemida e tão procurada liberdade, tanto na leitura, quanto na escrita. Ao ser livre, escreve o que não sentiria coragem de falar, pois, na criação literária pode realizar seus desejos mais secretos, sem ser julgado.

A literatura é uma representação do mundo construída por meio da visão do autor: as verdades, desejos e angústias, que são essencialmente comuns a todos sujeitos, materializam-se na palavra escrita. Por isso, na arte, Freud encontrou um caminho seguro e essencial para construir e comprovar suas teorias, pois sabia que os poetas sabem algo a mais sobre o mundo e os sujeitos.

A literatura e a psicanálise se desenvolvem por meio da linguagem, em forma de narrativas: uma problematiza o mundo por meio das narrativas ficcionais, por meio dos personagens, enquanto outra busca desvendar os mistérios inconscientes que compõem a psique, e isso acontece principalmente pela narrativa edificada pela associação livre, no processo analítico.

Durante o processo psicanalítico, surge a transferência, ou seja, o analisando acredita na existência de um suposto saber que o psicanalista possui, assim, confiando nesse Outro que se faz presente; por isso, o sujeito projeta seus sentimentos e pensamentos, de maneira inconsciente e simbólica. Da mesma maneira acontece no processo de criação literária, porque “o escritor percorre a escritura com a mesma fé com que o analisando explora seu discurso pontuado pelo psicanalista. A última versão da obra é, portanto, comparável ao fim do processo psicanalítico” (WILLEMART, 2009, p. 158).

Lacan, detendo-se na linguagem, ampliou os conceitos psicanalíticos, e trouxe para as discussões teóricas sobre o conceito de sujeito. Por meio dos estudos linguísticos de Saussure, e da releitura que fez das obras de Freud, inserindo de forma incisiva os estudos estruturais da linguagem na teoria psicanalítica, percebemos que a relação estabelecida entre significante e significado é volátil. O significante leva sempre o sujeito para outros significantes e os significados vão deslizando e suscitando o nascimento de outros significantes. Logo, Lacan percebeu que o significante se sobrepõe ao significado, pois, a título de exemplo, ao ouvir a palavra **música**, o que vem à mente não é o conceito de **música**, o que surge é uma impressão psíquica de determinada música. Essa representação que surge está atrelada diretamente às experiências que possuímos com o determinado significante; a representividade está carregada com o significado que a música tem para o sujeito, ou seja, ouvir tal palavra desencadeia o nascimento de outros significantes:

O significante, produzindo-se no campo do Outro, faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a falar, como sujeito” (Lacan, 1964, p.197)

A linguagem, detentora da capacidade de dar forma às emoções, sempre foi um mistério. Um exemplo claro é que ao tentar nomear algo, o significante não consegue revestir completamente o sentido, há algo que escapa, o que Lacan chamou de objeto *a*, o objeto desejável e não representável. Além disso, é por meio da palavra que o autor revela o isso, mostra-se pela linguagem, ao passo que sublima suas pulsões e enuncia.

## 1.2 O inconsciente nas obras literárias

No início da crítica psicanalítica, os analistas colocavam os personagens das obras literárias no divã. No entanto, a partir das releituras dos conceitos freudianos e do aforismo de Lacan, ao dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem,

os críticos/analistas se propuseram a buscar o limiar da escrita: na borda da palavra, da estrutura da escrita que o inconsciente se rompe e se faz presente (BRANDÃO, 1996).

No texto não há um suposto saber. Ao contrário do pensamento hermenêutico em que o leitor procurava a “verdade” contida nos enunciados, com a ideia do sujeito deslocado, suponha-se que o leitor, ao ler o texto, é impulsionado a ler a si próprio: cabe ao leitor reorganizar as palavras, reescrever o texto (BRANDÃO, 1996).

Vale ressaltar que não se deve utilizar a psicanálise para explicar as obras literárias, mas utilizar a obra para mostrar que ela é fruto de uma atividade psíquica, pois, de acordo com Kofman (1996, p. 67), “o método de interpretação das obras de arte é emprestado ao método de interpretação dos sonhos”. Dessa forma, percebemos que a psicanálise não busca dar novas maneiras de interpretar um texto, mas sim, transformar o procedimento de leitura, impulsionando o leitor a abrir os olhos para os conteúdos latentes que estão nas entrelinhas (ROSENFELD *apud* JOBIM, 1992).

A psicanálise afirma a existência do desconhecido nas palavras e, conseqüentemente, no sujeito, a literatura, por sua vez, permite tocar o “não dito”, já que materializam o Imaginário, no Real, por meio do campo simbólico. Frisamos, assim, que as obras literárias apresentam uma imagem construída a partir da visão do homem para com o homem, por isso, ao passar do tempo, o sujeito começou a olhar a escrita de uma forma especial, pois percebeu que em determinado discurso há sempre algo a mais, tão quanto nas ações humanas, na sua psique. O escritor diz sobre o que não queria falar e sobre o (des)conhecido (BELLEMIN-NOEL, 1978).

O texto, dessa maneira, é um composto de enigmas, pois os sentidos, em essência e plenitude, estão sempre ausentes. As lacunas que constituem o texto é uma tentativa de mascarar, de esconder a *coisa*, no entanto, sem querer, provoca sua “revelação”; revelação que ocasiona a castração, o castigo possível: “descobrir o texto não é encontrar por trás dele um outro texto. É partir em busca do passado coletivo ou individual cujos traços estão presentes no próprio texto” (KOFMAN, 1996, p. 72).

A Literatura é elaborada seriamente, possui construções complexas: o escritor utiliza uma língua regida por normas estruturais e gramaticais; mimetiza a realidade dando-lhe toques de fantasias, loucuras e magia, fazendo do escritor uma criança grande (BELLEMIN-NOEL, 1978). Dessa forma, a complexidade e o aprofundamento da escrita exigem e merecem um estudo mais complexo e denso.

A escrita possui um vasto e completo sistema linguístico a sua disposição, a escolha de estruturas, palavras e imagens, dentre tantas disponíveis no acervo imaginário e linguístico, por parte do autor, revelam a existência de um sentido enigmático (KOFMAN, 1996). Afinal, a arte é uma ilusão: “pela ilusão e na ilusão, o artista diz, apesar de tudo, a verdade. Ele apresenta e põe em cena, sem o saber, uma verdade psíquica” (KOFMAN, 1996, p. 224).

A Literatura, sendo linguagem em movimento, é muito mais que o valor estético, pois o texto nasce da fusão entre a visão de mundo do escritor, as palavras e sua

subjetividade, além do olhar interpretativo do leitor. Segundo Faraco e Moura (2000), a literatura é a maneira pela qual o escritor vê e sente a realidade.

A Literatura, conforme Oliveira (1996), se refere a um novo olhar perante a realidade. Esse olhar é criativo e o espaço que habita a realidade possui vazios que permitem ao leitor entrar e ressignificá-los. A linguagem se torna a essência da Literatura. Ao ser uma manifestação artística, é a palavra que possui estética. Para Zilberman (1981), o campo literário possui a palavra como corpo, e tem a função poética e emotiva. As obras literárias são frutos da imaginação e experiências do autor: o sujeito observa o mundo, por intermédio dos órgãos sensoriais, capta os nuances da realidade, enxerga além do que, aparentemente, está amostra e eleva suas sensações aos níveis da linguagem (semântico, fonético e sintático).

Isso posto, a fim de promover diálogos entre literatura e psicanálise, as obras de Clarice Lispector foram escolhidas por serem aquelas que, segundo Klinkby (2012), possuem uma escrita enigmática, com espaços vazios que impulsionam pesquisadores a investigarem os seus mistérios, na tentativa de aproximar-se do limiar das palavras. A psicanálise debruça-se sob o inconsciente, a “falta” e sob o sujeito e suas ações, por isso, há uma relação estreita e segura entre as pesquisas psicanalíticas e o fazer poético. A literatura, como materialização do pensamento e dos desejos humanos, se torna um rico objeto para conhecer o sujeito

Conforme a literatura de Clarice Lispector, o ato de escrever consiste na purgação dos sentimentos que, muitas vezes estão sufocando, à medida em que a criação artística impulsiona o sublimar: “a escrita aparece para o homem como um caminho que permite o esvaziamento, é tornar uma chaminé” (SANTOS, CARVALHO, 2017, p. 29). Compreendemos que sublimar é “[...] um traço bastante saliente da evolução cultural, ela se torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada” (FREUD, 2010, p. 60).

Rosenbaum (1999) ressalta, também, que muitas pesquisas realizadas acerca do trabalho de Clarice Lispector se detêm apenas à epifania. No entanto, é necessário pensar além das revelações súbitas que surgem por meio de uma experiência rotineira e, assim, ir em busca do que há na escrita, o que ela possui em suas malhas.

## **2 | A LITERATURA CLARICEANA E A PSICANÁLISE**

A fim de propor um diálogo entre psicanálise e literatura, as obras de Clarice Lispector se tornaram referência: a escrita clariceana, ao tentar descrever o mais íntimo do ser, passou a ser um caminho ímpar para a aproximação dos dois campos de estudo. Percebe-se que Lispector possui uma escrita que quebra as barreiras da linguagem, porquanto busca a essência de algo inalcançável. Em suas obras há questões que a psicanálise se detém a estudar, como um personagem espantado com a “normalidade” do mundo, com as regras impostas que ditam formas rígidas de se

viver. Em vista disso, nos propomos, nesse momento, conhecer algumas pesquisas científicas elaboradas por clariceanos que estabelecem diálogos entre a escrita de Clarice com a psicanálise.

A tese elaborada por Maria Lúcia Homem, em 2011, *No Limiar do Silêncio e da Letra: traços de autoria em Clarice Lispector*, aborda a relação entre a Literatura de Clarice Lispector com a teoria psicanalítica, trazendo uma fotografia das obras de Clarice que sempre estão a perguntar o que é, afinal, possível de se representar. Seus livros, para Homem (2011), caminham em torno das pulsões básicas do sujeito, no local mais profundo.

Em vista disso, o trabalho de Homem estuda a questão de autoria nas obras de Clarice Lispector, e propõe discutir o que, afinal, seria o limite da escrita. Essa pesquisa se detém a analisar as obras da escritora, para tanto, elegeu-se os seus três últimos romances, *Água Viva* (1973), *A Hora da Estrela* (1977) e *Um Sopro de Vida – Pulsões* (1978), como indispensáveis.

Homem (2001) afirma que a Literatura é *mimesis*, é a recriação da realidade; para tanto, é necessária uma linguagem que lhe dê forma. Ao passar do tempo, diferentes maneiras de expressão da visão do sujeito para com o mundo impulsionaram o surgimento de narrativas diferentes. Clarice Lispector representou o mundo a partir do seu singelo, misterioso e sensível olhar, com o auxílio de uma linguagem transparente que proporcionou dar voz ao que, até certo momento, não poderia dizer. Ou melhor, sua escrita desvelou a voz do silêncio.

Com isso, há uma quebra na parte estrutural do romance, ao passo que surge uma nova noção de sujeito, pois, ao contrário da concepção cartesiana (o sujeito regido somente pela razão), a psicanálise nos mostra um sujeito fragmentado e composto de mistérios, já que em seu ser há algo desconhecido: o sujeito é dividido em consciente e inconsciente.

A forma de usar a linguagem para descrever o mundo exterior e interior se torna um indispensável campo de estudo; logo, ao invés das produções artísticas representarem apenas a subjetividade do herói – estas consideradas estruturalmente clássicas - o autor, o narrador e o personagem passam a ser a chave para o movimento da escrita. Entre idas e vindas, o silêncio e as palavras presentes nas obras clariceanas revelam o “não dito”. Em sua escrita, Clarice desarticulou a estrutura dos romances canônicos e apresentou um sujeito que possui um vazio existencial e nunca irá ser preenchido (HOMEM, 2001).

Segundo Homem (2011), *A hora da estrela* (1977) nos apresenta a história do narrador Rodrigo S.M. que, ao propor falar da jovem Macabéa, discute de forma consciente sobre o ato de escrever. Em síntese, a história de Macabéa acontece em sete momentos: “o nascimento e infância no sertão de Alagoas, migração para a cidade grande, emprego de datilógrafa, namoro com o também nordestino Olímpico, separação, consulta à cartomante e morte” (HOMEM, 2011, p. 118). Isso permite conhecermos de forma profunda o narrador, suas impressões sobre a jovem e

peculiaridades de Macabéa, incluindo o seu modo de pensar e ver o mundo, e seus movimentos frente aos acontecimentos que surgem a cada passo dado.

Por meio de indícios e das opiniões do narrador, consoante Homem (2011, p. 118), vamos conhecendo a personagem, já que ela fala pouco, seu corpo é silencioso. A moça foi criada pela tia, detentora da decisão de migrarem do sertão para o Sul, em busca de melhores condições de vida, ademais, sua infância foi sem a presença da magia dos brinquedos. Ao chegar no Rio de Janeiro, acomoda-se numa pensão e divide o quarto com algumas garotas. Macabéa, “segundo o narrador, veio e, onde foi largada, ficou. Ela era assim, uma menina dócil e sem vontade” (HOMEM, 2011, p. 118). Em meio ao silêncio e às poucas palavras que lhe abraçam por cada segundo, ironicamente ganha uma função em sua vida, ao se tornar datilógrafa: “é cercada pelo Simbólico que, no entanto, não lhe dá à primeira vista, sentido ou estofa” (HOMEM, 2011, p. 119).

Uma das suas companhias é a Rádio Relógio, com ela, a personagem se comunica com o mundo e tem acesso a conhecimentos diferentes dos quais está inserida. Sedenta do mesmo mundo e das mesmas palavras, faz algumas perguntas ao seu namorado: “- você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado ‘Alice no País das Maravilhas’ e que era também um matemático? Falaram também em ‘élgebra’. O que é que quer dizer ‘élgebra’?” (LISPECTOR, 1998, p. 50). Olímpico logo retruca, afirmando ser assunto para frescos, fechando-se em seu próprio mundo, distanciando-se de novos conhecimentos. O diálogo com o seu namorado é permeado e guiado por novas perguntas. Esses questionamentos, conforme Homem (2011, p. 132), são tentativas de dar e procurar sentido no mundo e até mesmo de constituir a mimesis da realidade; é uma investida de se conhecer.

Após sair da casa da cartomante, esperançosa com um futuro provavelmente promissor, Macabéa é atropelada por um carro supervalorizado socialmente: “E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a [...]” (HOMEM, 2011, p. 135), com isso, é “[...] esmagada pela alta burguesia, da qual era excluída, de forma radical” (HOMEM, 2011, p. 135). Fora excluída sempre da sociedade, é fruto de uma alienação que a retira do seu lugar social. Com a morte da nordestina, Rodrigo S.M. se despede, pois também é chegada a sua hora; dessa maneira, com o *sim* que traz vida ao mundo, tranquilamente ele fecha os seus olhos e o da sua personagem: “E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?! Não esquecer que por enquanto é tempo e morangos. Sim (LISPECTOR, 1998, p. 27)”. Com a morte de Macabéa, Rodrigo S.M. morre, reforçando, conforme Homem (2011), uma ideia de espelhamento: ambos se tornam um.

Outro trabalho que discorre a respeito de Clarice Lispector e a psicanálise é a dissertação, de Ana Maria do Valle (2006), *A Escrita de Clarice Lispector na Transmissão do Real*. Neste, Valle constrói um diálogo entre literatura e psicanálise por meio das obras de Clarice Lispector, principalmente *Água Viva* (1973), delineando-a como uma

reveladora da dimensão inominável, do irrepresentável. Sua pesquisa se debruça na relação da literatura com os principais conceitos psicanalíticos, como inconsciente, fantasia e sublimação. Tais artefatos estão presentes na escrita clariceana, essa que esbarra no limiar da linguagem, tentando transmitir a complexidade da vida e da existência.

A escrita de Clarice desafia os limites da linguagem, insiste em tentar exprimir o inexprimível. Atuante na beira do abismo, ela larga seus limites e sempre avança um pouco mais. Sempre consegue dizer um pouco mais a respeito do que não sabe dizer, do que escapa às palavras (VALLE, 2006, p. 11).

Valle (2006) acentua que seu trabalho não propõe analisar a obra pela perspectiva da psicanálise, pois, ao passo que a arte a precede, é ela que “transmite algo a mais à psicanálise” (VALLE, 2006, p. 11). Lendo, o leitor é instigado a questionar, buscar respostas dentro de si; é tocado pelas palavras e procura dá-lhe sentidos, aproximando, assim, do mais íntimo e obscuro do seu ser. A arte surge para retirar o sujeito do cotidiano, instigar sua percepção, a reposicionar o valor das coisas: a obra de arte possui elementos que impulsionam o leitor se analisar.

Valle, ao apreciar a escrita criativa de Clarice Lispector como transmissora do Real (o que, conforme Lacan, não pode ser nomeado, representável), frisa que o momento é oportuno para a psicanálise e a literatura trocarem conhecimentos e enriquecerem. Em suas discussões, a obra escolhida para análise é *Água Viva*, e o Real, nesse texto, é investigado por meio de duas vertentes: como o irrepresentável e como a causa de criação.

Tomando como base o Real como irrepresentável, analisa-se que o discurso clariceano, no texto escolhido, apresenta-se mais leve, não havendo compromisso em seguir estritamente as regras da realidade empírica. Em *Água Viva* (1973), a subjetividade eleva a dimensão traumática da existência, pois a narradora constrói uma prosa poética para o seu amor, na qual revela sua singularidade, os pedaços mais íntimos, a dor de amar e não ter a pessoa ao seu lado (VALLE, 2006).

O Real surge como uma dor dilacerante e primitiva. Na tentativa claustrofóbica de nomear a dor e o “sentir”, o sujeito mergulha no campo simbólico, amplia-o, mas, mesmo assim, não consegue representar o que sobra da angústia: haverá um leve sentir que não será abarcado pela palavra. Esse vazio, cuja pulsão circula, essa “coisa” pela qual a narradora mergulha no nada, é chamado por Freud de *das Ding* (VALLE, 2006).

Sob a ótica da segunda vertente, o Real como impulso motivador de criação, leva-nos a ver o romance como fruto de um aspecto traumático em que o vazio da dor impulsiona à busca da felicidade, porque ao estar em frente ao Real, o sujeito deve criar o seu próprio destino.

Valle afirma que a pulsão impulsiona o sujeito à criação, a tentar nomear as sensações. O ato da personagem escrever, a título de exemplo, é uma evidência que a escrita é consequência da angústia: a partir do momento que a personagem conhece

o vazio existencial, a dor é redirecionada e transformada em combustível “[...] para a criação de novas forças para a ‘vida dos dias’” (VALLE, 2006, p. 99). Na criação literária, ocorre a metamorfose dos destinos da pulsão, a sublimação: “sublimar é, enfim, a ação do sujeito em criar para um Outro algo que represente o seu desejo” (VALLE, 2006, p. 100).

Em consonância com a pesquisa de Ana Maria Lima do Valle, Ingrid Mara Cruz Klinkby, em *Lacan e Clarice, a Realização da Escrita: Uma abordagem do Real em Um Sopro de Vida*, também propõe um diálogo afável entre as duas áreas a fim de entender como a escrita de Clarice aproxima do Real, o impossível de ser dito. Conforme Klinkby (2012), a linguagem literária, a poesia, mais precisamente, rompe com os limites da linguagem, reinventa o mundo, ao passo que o mimetiza. Ao tentar representar o irrepresentável, busca dizer o indizível, habita no lugar limite e quebra suas barreiras.

Na análise de *A hora da estrela* (1977), Silva (*apud* KLINKBY, 2012) salienta que essa narrativa traz consigo questionamentos acerca do fazer literário, detalhando como uma história nasce e é edificada: por toda a obra, Rodrigo S.M., o narrador, propõe reflexões sobre o que é escrever, quais caminhos a literatura fornece ao autor e quais ele precisa se distanciar para ir mais-além.

Silva (*apud* KLINKBY, 2012) apresenta a literatura como aquela que circunda o Real e Clarice Lispector, com sua forma de escrever, (des)articula a linguagem e consegue atingir o “atrás do pensamento”. Sua escrita está no limiar da palavra e vai além do inominável, extrapola os limites que as regras gramaticais impõe. Além disso, com *A hora da estrela*, Clarice, conforme Silva (*apud* KLINKBY, 2012), consegue debruçar-se sob a questão social – a literatura engajada –, ao trazer para as páginas do livro uma protagonista feminina, nordestina e que sofre preconceitos na capital.

Ao analisar a obra *Um Sopro de Vida – Pulsões* (1978), Klinkby (2012) ressalta que, nas primeiras páginas, é perceptível que a ideia de escrita presente no texto é de salvação: a escrita nasceu a partir de um poço, de um vazio, e o personagem Autor cria uma personagem na tentativa de se salvar.

Nessa narrativa, também percebemos que, conforme Klinkby (2012), por trás das palavras há milhares de significados, isso mexe com o que há de mais profundo em cada ser, “é como se a palavra conservasse em si muitas páginas, que contasse versões diferentes dela mesma, a cada abertura” (p. 67). Ao usá-las constantemente, ficam desgastadas, assim, é preciso ir à busca do que restou das palavras, o material sucateado. Tal discurso, presente constantemente nos enunciados da obra clariceana, foge da esfera comum e aproxima-se do que chamamos do discurso do inconsciente (KLINKBY, 2012).

É perigoso trabalhar com um material sucateado: ele acorda o que estava, por ora, adormecido, mexe com o oculto do autor e do leitor. Ao mesmo tempo, “[...] o desejo do escritor é trazer à superfície o que circula nos subterrâneos, atento às armadilhas da palavra nesta trajetória de procurar as palavras nas próprias palavras”

(KLINKBY, 2012, p. 89).

Em seu desejo de escrever, no livro *Um Sopro de Vida*, a personagem ainda afirma que apenas chegou no limiar da palavra, e há o medo em penetrar no adormecido. Ao mesmo tempo que estaciona nesse lugar, a personagem continua a insistir no limiar e planta várias interrogações. Conforme Silva (*apud* KLINKBY, 2012), o seu desejo da escrita leva-a a escrever os restos, o sopro, o silêncio; tais avessos de significação estão comportados nas palavras.

Já no trabalho *Metamorfoses do Mal em Clarice Lispector* (1999), a psicóloga Yudith Rosenbaum se debruça a estudar Lispector sob a ótica da psicanálise, ao perceber a existência de uma linguagem sádica em sua literatura. Dessa forma, afirma que Clarice deu voz aos desejos e impulsos humanos mais sombrios, encontrando, assim, na linguagem, o poder, não apenas de imitar a realidade, mas de manifestar a ambivalência da essência humana.

Para abordar a questão do sadismo e do mal na literatura clariceana, Rosenbaum (1999) selecionou o romance *A Paixão Segundo G.H.* (1964) e o conto *A Quinta História* (1964) (este que compõe o livro *A Legião Estrangeira*). Nessas obras, as personagens se deparam com uma barata – um ser grotesco - e, a partir disso, a história se desenrola na relação do inseto com a personagem G.H.. Com isso, Clarice transforma o nojo, o assustador e o grotesco em palavra e literatura; desconstrói o conceito de beleza clássica, ao dispensar a representação arrumada para dar espaço ao monstruoso e obsceno que desnorteia o leitor.

O conto, por sua vez, *A Quinta História*, apresenta receitas de como matar baratas. O horror da morte e seu teor destrutivo são camuflados em simples receitas, por todo o enredo. O sadismo que o narrador utiliza para exterminar as baratas, Lispector aplica ao leitor: “o leitor ingere um conteúdo terrível sem se dar conta e, como as baratas do conto, também é engessado pela narrativa que o atrai por uma doce sedução” (ROSENBAUM, 1999, p. 201). A personagem evita o contato com o inseto, à medida que projeta o mal na barata; para tentar eliminar o mal, o mal é utilizado. Ademais, essa história não é concluída, o que nos leva a pensar sobre “a impossibilidade de narrar” (ROSENBAUM, 1999, p. 201) que surge quando a escrita se difunde com o indeterminado e o inesperado.

A narrativa *A Paixão Segundo G.H.* debruça-se sob o emblemático surgimento do “ser vivo barata” em um quarto de empregada de um enorme apartamento. A barata, inseto que causa nojo, remete aos conteúdos desconhecidos e inassimiláveis que o sujeito tenta exterminar – recalcar – da consciência. Além disso, conforme Rosenbaum (1999), é possível fazer a analogia entre o apartamento luxuoso e o aparelho psíquico de um sujeito:

O apartamento e seus compartimentos são a própria casa psíquica, A área de serviço, parte marginal do apartamento, lugar do lixo indesejável, acena para o inconsciente enquanto espaço do que é desprezado e deixado à margem da consciência. A vigília da censura poderia ser ‘essa toalha aberta no varal’, cuja força repressora tenta ainda manter-se ativa durante o sono, embora enfraquecida”

(ROSENBAUM, 1999, p. 202).

Nessa prosa, portanto, a barata se torna objeto de mediação entre o aceitável pela consciência e o inaceitável, o caótico e indigestível. O contato com o material bruto da barata promove o reencontro com os conteúdos inaceitáveis que foram distanciados por meio da reorganização promovida pelo ego e superego. Há o retorno do reprimido e, assim, G.H. inicia uma viagem alucinatória e renasce transformada.

Ao contrário do conto, em *A Paixão Segundo G.H* é a barata que engessa G.H.: a personagem, quando extermina o inseto, descobre o gozo até então desconhecido e também, à medida que ingere e entra em contato com a massa branca que fora expelida com o impacto, se torna inumano, “renunciando à forma humana para adentrar a neutralidade viva que é representada pela barata” (ROSENBAUM, 1999, p. 204). G.H., dessa maneira,

[...] sai da civilização em direção à natureza primeira” (ROSENBAUM, 1999, p. 204), pois devora a flor de lótus. Com ato canibalístico, para alcançar o sentido de viver, “G.H. precisou atravessar o paraíso infernal dos instintos e da anarquia das pulsões de morte [...]” (ROSENBAUM, 1999, p. 205).

As duas tramas apresentadas no seu ensaio possuem o mal como lei e combustível. Salientamos que a pesquisa não se refere a uma apologia do mal, porque

[...] não se está valorizando o mal como categoria moral e sim como um espaço de uma negatividade que, desde os primórdios da humanidade, de Caim ou da tentação da maçã aos nossos dias, faz girar uma engrenagem ininterrupta (ROSENBAUM, 1999, p. 206).

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa breve caminhada por alguns dos principais trabalhos dedicados às obras clariceanas pôde-nos mostrar o quanto a escrita de Clarice fornece elementos essenciais para compreender o sujeito e suas produções, sob a ótica dos conceitos freudianos e lacanianos. Vimos que a escritora tem uma forma de escrever carregada de mistérios que transborda pelo vazio. Tais trabalhos apresentados servem para sublinhar a importância que o tema proposto tem para a área da literatura e da psicanálise, e apontam caminhos a serem seguidos nas próximas pesquisas científicas.

Segundo Lacan (*apud* VALLE, 2006, p. 80), “a literatura é acomodação de restos”, do que sobra e escapa na relação entre dois objetos, no contato com a realidade factual e psíquica. A escrita de Clarice nasce a partir do sentimento sufocador e angustiante que surge ao deparar-se com a presença-ausência do Real. A tentativa de representar o que não se pode representar é ao mesmo tempo uma forma de concretizá-lo e transmiti-lo. Por isso, segundo Klinkby (2012), as produções literárias de Clarice Lispector se tornaram um dos principais objetos de estudo para aqueles que tentam desvendar o mistério que envolve a escrita e, conseqüentemente, a linguagem, tão quanto aos que procuram traçar pontes seguras entre literatura e psicanálise.

Portanto, ao longo desse trabalho, tornou-se possível construir um diálogo afável entre a literatura e a psicanálise, possibilitando conhecer os textos de Clarice Lispector com novos olhares. Percebemos também que a escrita é eterna: por meio das palavras, Clarice decifrou cada batimento do seu coração, cada pulsação fora sentida à procura de encontrar o sentido do seu último sopro de vida; a escrita lhe trouxe alívio, permitiu ser estrangeira, a desenxergar o mundo e enxergar a essência. A busca pela essência, pela origem da origem, sempre tentando encontrar uma explicação para as ações cruéis e bondosas do homem, permitiu vagar e tocar a “aura” do tempo, da vida e da eternidade.

## REFERÊNCIAS

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literatura e psicanálise**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco Marto. **Língua e Literatura**. São Paulo: Ática, 2000.

FREUD, Sigmund (1908). **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930/1936)**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. E.S.B., Rio de Janeiro: Imago, vol. 9, 1996. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOTLIB, Nadia Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

HOMEM, Maria Lucia. **No Limiar do Silêncio e da Letra: traços da autoria em Clarice Lispector**. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

KLINKBY, Ingrid Mara Cruz. **Lacan e Clarice, a Realização da Escrita: Uma abordagem do Real em “Um Sopro de Vida”**. São Paulo, 2012. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KOFMAN, Sarah. **A infância da arte: uma interpretação da estética freudiana**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

LACAN, J. J. **O Seminário: Livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1964.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. Clarice. **A Paixão Segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. Clarice. **Felicidade Clandestina**. Contos. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. Clarice. **A Legião Estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. Clarice. **Um Sopro de Vida**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. **Leitura prazer**: interação participativa da criança com a literatura infantil na escola. São Paulo: Editora Paulinas, 1996.

ROSENBAUM, Yudith. **As Metamorfoses do Mal**: Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

SANTOS, Ray da Silva; CARVALHO, Camila Ferreira de. **A presença do inconsciente em Um Sopro de Vida, de Clarice Lispector**. CRÁTILLO: revista de estudos linguísticos e literários, v. 10, p. 23-31, 2017.

VALLE, Ana Maria Lima. **A escrita de Clarice Lispector na transmissão do Real**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Psicanálise). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

WILLEMART, Philippe. **Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para criança**. São Paulo: Global Editora, 1988.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-377-4

